

[ TT00624 ]

## A vaca surrealista

Jair Antônio Alves

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

A vaca surrealista

A VACA SURREALISTA

de Jair Antônio Alves

## CENA I

### CENA I

#### O SUBAQUECIMENTO

ATOR - Este é o testemunho da irreverência.

Sobre nossas cabeças, passam diuturnamente as sensações dos movimentos da vida humana. Há impulsos, incontroláveis, que contrariam o comportamento sensato. E são esses movimentos espontâneos, desordenados, que levam dia-a-dia à transformação gradual, às vezes repentina dessa mesma vida humana.

ATRIZ - Este é o momento da celebração (SINOS).

Este momento marca o início, da representação dos movimentos da vida humana. Esta representação sintetiza a argumentação e o discurso subjetivo do Sub!

Sub é tudo aquilo que não atingiu o Status, delimitado pela Razão.

ATOR - Teatro! Ato social e artístico caminha, neste momento, em busca de sua Identidade. Procura a sua manifestação, junto à realidade que o gera.

Usaremos de uma linguagem Popular. Melhor ainda, nos guiaremos pelos movimentos, desordenados, espontâneos, emotivos.

Uma mulher grita e teoriza:

ATRIZ - Tudo é velho, não existe mais nada de novo. A Cultura está subordinada ao Econômico. Azar da reflexão, do pensar, do livre pensar, da livre expressão!

ATOR - Nem com isso, a coisa fica mais clara. Há de se romper, com o palavreado dos hipócritas, dos demagogos, dos livres demagogos, e daqueles que atacam os demagogos.

ATRIZ - Há de haver, também, alguma coisa mais nova, mais real. Que elimine, que mande a merda o palavreado metafísico. Vamos sepultá-lo. Na sua missa de sétimo dia, mataremos, também, a Anarquia. É preciso dar uma outra ordem ao pensamento, ao movimento da vida humana. Então, oremos:

REPRESENTAÇÃO, DE UM FUNERAL. OS PRESENTES VÃO REZAR, ENQUANTO UM OFICIANTE DISCURSA:

- Que nunca esqueçamos, do falecido que acaba de partir. Dos seus serviços prestados à Sociedade Civil, mais precisamente à Sociedade Civil, por quotas de responsabilidade limitada. Que seus ensinamentos, embora hoje ultrapassados, jamais sejam esquecidos. Que confortemos os parentes, mais próximos. E se eles não se conformarem com a sua morte, o que podemos fazer, é dizer que também estão na hora da partir. Que nunca, como hoje, a frase que vêm a seguir foi tão bem à expressão da verdade! JÁ FOI TARDE? Que nunca esqueçamos: Morte que é Morte, só dá uma vez.

ATRIZ - E, mais uma coisa... já que é Deus quem manda, Vox Populi, Vox Dei. Samba, no pessoal, que é para exorcizar os pecados!

## CENA II

ATOR - Conta-se que um dia, um certo sujeito resolveu acabar com as Injustiças! Como não tinha nenhuma representatividade reconhecida, resolveu atacar logo os problemas que poderiam trazer resoluções bombásticas. E, assim, é que ao invés de procurar resolver os problemas da falta de condução, atraso dos trens, falta de emprego para todos, fome, etc, atacou logo a área do lazer. Fez um esboço daquilo que considerava essencial, e procurou logo não a Câmara Municipal, não a Assembléia Legislativa, não a Câmara Federal, mas um Jornal, de grande circulação Nacional. Atacaria, assim, de cara, toda a Opinião Pública. Esta opção surgiu da efervescência e expectativa, provocadas por um grande volume de notícias polêmicas, divulgadas por um determinado jornal.

UMA MENINA - Vocês viram, que legal? Puxa, Puxa, há quanto tempo que não se lia uma notícia dessas. Puxa, puxa, que legal! Eu acho, que tem alguma coisa aqui. Que artigo, cara! Você viu? De repente, todo mundo está comprando jornal, que antes era considerado reação.

HONESTINO (CONSIGO PRÓPRIO) - Será mesmo, que é verdade isso?

MENINA - Que incrível, só mesmo vendo!

HONESTINO - Será que eles publicariam, este negócio que estou escrevendo?

MENINA - É quente, a tua Denúncia?

HONESTINO - Não é bem uma denúncia, é um projeto sobre o Rio Tietê. É um plano, que vai entrar dinheiro da Prefeitura, do Estado, e, talvez, até...

MENINA - Quente, cara, vai lá! Aproveita, que todo mundo está botando à boca no trombone. Essa turma do jornal é duca...! Olha, o meu pai conhece um cara, que parece que é o Redator Chefe desse jornal.

(HONESTINO, ADIANTANDO-SE PARA FALAR COM O PÚBLICO).

HONESTINO - Ó, meu nome, é Honestino. Sou Funcionário Publico. Com essa onda de Abertura, eu achei que devia fazer publicar este meu Estudo. Como, hoje, tudo que é escandaloso, e está vendendo jornal, me convenci que o melhor lugar para fazer esclarecimento da opinião pública, é através da Imprensa.

(VAI PARA A REDAÇÃO DO JORNAL).

E É BARRADO, NA PORTA. Ande é que vai???

HONESTINO - O senhor poderia me informar, como eu posso falar com o Editor Chefe desse Jornal?

PORTEIRO - Assine aqui seu nome, com Identidade. Não sei se ele vai te receber, em todo caso, sente aí e espere.

HONESTINO - Pode deixar, eu espero.

(ENTUSIASMA-SE, E COMEÇA POR FAZER UMA EXPLANAÇÃO DE SEU PROJETO).

- O meu projeto, é de transformação do Rio Tietê. Vamos transformar aquela imundície, num Rio que se possa pescar, nadar, navegar. E vai dar certo, eu sei! A gente pode até pensar, em emendar com o Rio Pinheiros! Quanta economia que seria feita! Gasolina, Pedágio para o Litoral, Tempo... Este, então, nem se fala. O sujeito poderia sair só de short de casa, no domingo, pegar o metrô, e ir direto para o Rio Tietê, com praia e tudo. Vamos acabar com

essa história de que paulistano é mal humorado. Eu estou lançando a idéia, depois, se tiver um Deputado que ache que dê certo, ele sabe o quê fazer! Vocês já pensaram naqueles terrenos, em volta do Rio Tietê, o quanto que seriam valorizados? Hoje, estão cheios de barracos, que mais parece um Cortiço, quer dizer, é um cortiço mesmo! De repente, está valendo, assim, o preço de um terreno, em Guarujá, em Copacabana! É só ter um pouquinho de trabalho de limpar aquela água suja, não jogar mais óleo, e não deixar que joguem gente morta lá dentro, porque também é uma pouca vergonha, vocês não acham?

ATRIZ (INTERROMPENDO) - Vai daí que nesse dia tem uma outra Revolução, que o nosso herói nem, sequer, pode entender. Uma Revolução, dentro do próprio Jornal.

Sim, de repente as reportagens, a linha que este jornal estava tomando, não se sabe direito, mas parece que estava indo longe demais. Então, por força das circunstâncias, muito mais pela força do que pelas circunstâncias, o editor chefe deixou de ser chefe, passando a receber férias, remuneradas, na Argentina. E, com isso, o nosso herói não teve o seu projeto, levado ao conhecimento do Público. E ficamos com uma lição, que não podemos esquecer.

## CENA III

CENA III

ATRIZ - E atenção!

Vamos, agora, a apresentação de um espetacular número, para a diversão dos senhores. Apresentaremos num só artista, dois números, sensacionais. O primeiro é a apresentação, do HOMEM BALA. Vamos ler a definição, de "o Homem bala"? Lança-se ao ar, por um canhão explosivo, no lugar de uma bala!

Atenção! (EXPLOSÃO).

(SURGINDO, EM CENA, O ARTISTA).

E, agora, vamos minhas senhoras e meus senhores, ao segundo número desta noite.

(O ARTISTA APRESENTA, UMA CABTEIRINHA).

ATRIZ - Á, pois não, ele apresenta aqui, a sua carteirinha de Artista Profissional. Quero lembrar ao distinto público que, recentemente, foi regulamentada a profissão do Artista, e o nosso companheiro, aqui, já está registrado. Não que ele tenho tido qualquer Curso, mas é que o Sindicato de Classe comprovou que ele vem exercendo, há vários anos, a profissão de artista, na qualidade de Faquir! E é com muito orgulho, que vamos ler, aqui, a Lei 82.385, assinada pelo Presidente Geisel, que diz o seguinte:

Faquir faz demonstrações de sua potencialidade, em suportar dores ou sofrimentos, por meios próprios.

(ATOR, CHAMA A APRESENTADORA).

ATRIZ - À, sim! O Artista, aqui, diz que é o primeiro Faquir do Brasil, a usar o Método de Interiorização de Personagem. Ele vai se concentrar, e procurar transmitir, através de reações físicas e trejeitos, o que tem passado nestes últimos anos.

Pode começar...

CENA, AONDE O FAQUIR, CONCENTRA-SE.

## CENA IV

CENA IV

O ATOR QUE ESTAVA DEITADO É COBERTO POR UM LENÇOL, BASTANTE GRANDE.

UMA MULHER (provavelmente vestida de noiva, sob uma luz, exterioriza-se).

- Decididamente, eu não posso fugir à minha própria autocrítica. Não é o caso! Estou dando formas, a minha impaciência. Este é o meu lado objetivo, que bagunça toda a minha estrutura. Lá do fundo vem a minha emoção, que parece fugir da minha tentativa de avaliação do que têm me acontecido, até agora.

HOMEM (MOVIMENTA-SE SOB O LENÇOL).

MULHER - Na minha atuação diária na coletividade, boa parte dos elementos com que entro em contacto, está deteriorado. Diria mais ainda, está em estado de decomposição. Que função é esta a minha, de ficar aqui gritando, dizendo aquilo que é, e aquilo que eu não sei se é. Esta minha individualidade... Porra, quando é que vamos parar de falar, na puta-que-o-pariu dos Direitos Humanos? Por que sempre o Indivíduo? Por que sempre, esta droga de repetição da Renascença? Que merda, porra!

HOMEM - Canta que eu quero ouvir, canta que não custa cantar. Mas, meu Deus, aonde é que está a minha coerência? Por que todo esse discurso Metafísico, se não consigo, ao menos, mudar a minha particularidade? E vem, outra vez, o desespero.

MULHER - Espera aí. Primeiro, eu quero determinar o que estou pensando. Quero saber onde está o concreto. Eu quero engolir o concreto. Onde está o meu ponto de ligação, com a coletividade? O que isso, aqui, tem a ver com essas pessoas? Por que vomito tanto, como uma doida? Por que a Arte, o Pensamento tem que se repetir? Por que, por exemplo, preciso repetir a mesma experiência, a mesma dor? Por que não posso representá-la, para que outros se poupem dessa mesma dor? Devo agir pela Intuição? Isso, talvez, a Racionalidade não permita. Por que essa merda de Razão, inventada pelo pensamento burguês, que ainda povoa a minha consciência? Sobra a Dialética entre as coisas que devem ser feitas e as únicas coisas que restam serem feitas, parece meio loucura tentar organizar o real me alucina. Eu quero engolir o real, transformá-lo. Assim, como mudar o rumo dos meus passos.

HOMEM - Eu sou o real. Engula-me, eu faço o real. Sou a personificação do real. Abraça-me, me come.

## CENA V

### CENA V

APROXIMA-SE UM CARTEIRO DA MULHER CAÍDA NO CHÃO. JOGA-LHE UMA CARTA, E SAI. UM VIOLONISTA APROXIMA-SE, E DÁ INTRODUÇÃO, NA SEGUINTE MÚSICA.

Quando o carteiro chegou,

E o meu nome gritou, com uma carta na mão,

Ante a surpresa tão rude, nem sei como pude chegar ao portão,

Lendo o envelope bonito,

No seu subscrito, eu reconheci,

A mesma caligrafia, que disse-me um dia, estou farto de ti.

Porém, não tive coragem de abrir a mensagem,

Porque na incerteza, eu meditava e dizia,

Será de alegria, ou será de tristeza,

Quanta verdade tristonha, ou mentira risonha,

Uma carta nos traz,

E assim pensando rasguei,

Tua carta e queimei,

Para não mais sofrer.

RASGA DUAS VEZES O ENVELOPE E JOGA, SAINDO REVOLTADA.

O VIOLONISTA APROXIMA-SE DOS PEDAÇOS DA CARTA, E, COM CUIDADO, RECONSTITUI DE TAL MANEIRA, QUE POSSA LER O CONTEÚDO DA MESMA.

Benhê,

Eu sei que uma coisa dessas não se faz, mas você que sempre soube que eu não prestava, vai se admirar de quanto eu estou mudado.

Meu amor, não fique zangada comigo, mas é que eu sei que você sabe, que eu sempre te cafetinei, não foi? Pois é, enquanto eu podia tirar uma de machão e me mostrar pra outras piranhas, eu botei você pra escanteio. Mas, agora, do fundo do coração, quero falar pra você que estou sendo sincero. Não posso mais viver sem você, é muito sério isso. Não posso mesmo, e já vou dizer por que, não. Ou você me deixa voltar pra casa, e morar aí com você; ou eu vou morrer de fome, aqui pelos bares da vida. Não tem trabalho mais, pra mim, não. Eu sei que você pode achar, que estou mentindo, mas malandro quando fala que a situação não tá boa, é porque tá preta, mesmo. Podes crer, minha nega. Esperando que você nunca mais precise procurar outra pessoa pra viver com você, eu... Olha, eu até caso com você, por favor, me mande dinheiro pra eu poder sair dessa merda de São Paulo, que não arrumo emprego, nem de operário. Eu até peguei uns carnês do Baú da Felicidade, pra vender, mas é que o pessoal já tá tão cheio de ser enganado, que até tomei coragem, e mandei o Sílvio Santos, pros diabo.



Jair Antônio Alves

Tenho certeza, que dessa vez você tem que acreditar em mim. Não deixa pra depois porque, quem sabe, se você não quiser me dar atenção, há essa hora eu devo estar estirado, no meio de uma sarjeta, com os cachorros lambendo a minha boca.

Do sempre, sempre teu,

Agnaldo.

## CENA VI

### CENA VI

ATOR - A humanidade só levanta os problemas, quando é capaz de resolvê-los e, assim, numa observação atenta descobrir-se-á que o próprio problema só surgiu, quando as condições materiais para resolver já existiam, ou pelo menos estavam em vias de aparecer.

- A parábola que passamos a representar, foi extraída de um fato único, porém refletido na vida de dois sujeitos, de maneira completamente diversa. De um lado, vemos o que aconteceu com Bosta! E, do outro, do Tarzan.

O Bosta foi levado pela ganância...

Senta aí, Bosta.

BOSTA - Eu sento, só se for pra ganhar alguma coisa.

ALGUÉM - O que você quer ganhar?

BOSTA - Quero dinheiro.

ALGUÉM - Então, levanta da cadeira do Dragão!

BOSTA - E onde é que eu sento?

ALGUÉM - Em qualquer lugar, você é muito idiota.

BOSTA - Só porque eu quero ganhar dinheiro?

ALGUÉM - Pra que você quer dinheiro?

BOSTA - Pra comprar uma porção de coisas que preciso.

ALGUÉM - E se ao invés de eu te dar dinheiro, te dar tudo o que precisa?

BOSTA - Eu acho ótimo.

ALGUÉM - Então, senta na cadeira das Sensações.

BOSTA - Ora, se eu sento!

ALGUÉM - O que você quer, mulher?

BOSTA - Pois é claro!

ALGUÉM - Então, eu te dou, não uma, mas, 3, 4, ou quantas, você quiser.

BOSTA - Oba!

ALGUÉM - Que mais você quer, um carro?

BOSTA - Ora, eu posso? Claro que quero!

ALGUÉM - Então, lhe dou logo dois. A cada na, você vai trocando por um novo.

BOSTA - Que bom! E o quê eu tenho que fazer? Devo fazer alguma coisa? Devo trabalhar no quê?

ALGUÉM - Trabalhar? Trabalhar é para operário. Você vai querer acordar às cinco, para pegar no trabalho às 7?

BOSTA - Mas, quer dizer que vou fazer o que, então?

ALGUÉM - Vai ser artista.

BOSTA - Ainda por cima, artista?

ALGUÉM - Pois é, além de produzir diversão, você vai se divertir muito.

(BOSTA, CANTA E DANÇA, DEPOIS MONOLOGA).

- Sabem, que eu sou um desgraçado? Pois é, eu não posso me queixar, eu vivi, andei de carro paca, tive uma porrada de mulher, mas só que, quando eu ia casar, a mulher tinha que ser direita. Vocês não acham? Eu não sou louco de me enfiar, com uma mulher que me viesse botar chifres. Agora, casar com uma mulher direita, bonita e boa de cama, é muito difícil. E o que eu fiz? Casei com um bagulho, não tem graça nenhuma! É muito direita, mas, porra, assim não dá. Sorte e certo, é o Tarzan, este não! Enquanto eu estava vivendo do bom e do melhor, ele estava lá estudando, hoje ele é formado, e eu? Vivi de ilusão, agora a ilusão acabou. Vejam som nosso encontro, depois de tantos anos de vida, fudida.

BOSTA - Como é que é, Tarzan?

TARZAN - Estou muito bem. Como está você, Bosta?

BOSTA - Vou que é uma merda.

TARZAN - Você está sentado de novo na cadeira do Dragão?

BOSTA - É, e desta vez, eles me arrancam o saco!

TARZAN - Estou muito bem, aqui na cadeira da Estabilidade.

BOSTA - Enquanto era um revoltado, com minha vida desgraçada, querendo logo as coisas acontecendo...

TARZAN - Eu fui mais paciente, mais disciplinado.

BOSTA - E, por isso, eu estou por baixo e você por cima.

ADIANTA-SE, O TARZAN PARA NARRAR.

MORAL - Prive-se de alguns anos da sua vida, para não se privar à vida toda.

O que se sabe, é que Bosta nunca teve consciência. Ele foi acostumado a ter às coisas nas mãos sem, contudo, possuí-las.

BOSTA - Eu tinha tanta mulher e, agora, só resta este bagulho pra eu tratar.

E o Tarzan, sempre pregando a fidelidade, a lealdade, a família, pela sua privação e repressão na juventude, acaba por ter um caminho muito diferente.

REPRESENTA-SE, TARZAN E UMA MULHER, NA MESMA PESSOA.

BOSTA - Tarzan, quem é essa moça que esta com você?

TARZAN - Olha Bosta, logo você, com essa ingenuidade! Ela é... Puxa, bosta, é assim que você se mostra?

BOSTA - Ela não é a sua mulher?

TARZAN - Pois é claro, que não!

BOSTA - Você me dá licença? Posso dar uma experimentadinha?

TARZAN - Veja lá, hein?

BOSTA - Sabe que você teve mais sorte do que eu?

TARZAN - Ora, o que é isso? As coisas estavam por aí, você que não soube usá-las.

## A vaca surrealista

BOSTA - É, eu sei que eu tive a minha chance, mas não soube aproveitá-la.

TARZAN - Pois é isso.

BOSTA - Mas, eu sei que eu vou querer essa mulher pra mim, também.

TARZAN - Mas, assim não pode.

BOSTA - E como, não? Por que você tem, e eu não tenho?

TARZAN - À, meu saco, o problema não é esse.

BOSTA - Porra é porque você tem grana, e eu não tenho?

TARZAN - Mas, eu ganhei.

BOSTA - Mas, por que você ganhou, e eu não?

TARZAN - Porque eu fiz o que deveria ser feito, e você não!

BOSTA - Isso não serve, eu fiz aquilo que me parecia certo.

TARZAN - Mas, estava errado, você fez o caminho mais fácil.

BOSTA - Nem sempre o caminho mais difícil, leva ao sucesso. Eu quero essa mulher pra mim. Dessa vez, só pra mim.

TARZAN - Tire a mão dela. Você já tem a sua!

BOSTA - Você, também, tem a sua. E, eu não quero aquele bagulho.

TARZAN - Mas, esta mulher é minha, eu a vi primeiro.

BOSTA - Você já tem a sua.

TARZAN - Você quer competir, comigo?

BOSTA - Se preciso, for!

TARZAN - Então, eu ou você!

BOSTA - Aceito!

TARZAN - Espera aí. Você disse que não quer mais a sua mulher, porque ela é um bagulho.

BOSTA - É verdade.

TARZAN - Bom, e se a gente fizesse um negócio?

BOSTA - Que negócio?

TARZAN - Você conhece a minha mulher?

BOSTA - Ainda, não a vi.

TARZAN - Pois eu te falo, como é ela.

Tem assim, menos de trinta anos; é loira; olhos azuis; boquinha, assim, pequena. Tem bons dentes, e fala francês; se isso te agrada. É uma pessoa que se pode dizer, ser fina. Tem uma altura razoável. Ela só tem um defeito, demora para gozar, e isso dá uma canseira... às vezes.

BOSTA - Negócio fechado, ela passa a ser minha.

TARZAN - Não, ela continua sendo propriedade minha. Você só tem à posse.

BOSTA - Certo! Joga ela na minha mão.

## CENA VII

CENA VII

UMA MÚSICA FORTE ENCOBRE A DISCUSSÃO DE UM HOMEM E UMA MULHER.

A SEGUIR...

MULHER - Pra fora!

HOMEM - Vou ter que ficar n'algum lugar, por enquanto é por aqui.

MULHER - Pra fora. Nem mais um minuto, pra fora!

HOMEM - Eu vou.

MULHER - Pra aonde você vai?

HOMEM - Não sei, eu vou embora, é a única coisa que resta fazer.

MULHER - Mas, pra aonde você vai?

HOMEM - Não interessa, está claro que devo ir, o resto agora é comigo.

MULHER - Eu preciso saber, para aonde você vai?

HOMEM - Você precisa, é pensar! Aliás, eu também preciso pensar sobre isso. Sobre minha a situação. Estou num beco sem saída, não tenho mais chance.

MULHER - Não reclame, o sistema proporciona uma porção de chances. Só depende mesmo é de você.

HOMEM (em monólogo):

Eu sou daqueles, que acreditam que um homem deve ter um Ofício.

É a sua arma, para se defender das dificuldades desse mundo.

É a sua maneira, de se fazer conhecido.

É sua maneira, de se fazer respeitado.

Um homem, simples, sabe disso: um homem é um homem, e não um cavalo, que trabalha até que suas forças resistam.

Aprendi o meu Ofício - faço cadeiras.

Só que ninguém parece interessado nelas

Só eu mesmo, que preciso viver desse trabalho...

E continuo aqui, com meu Ofício.

MULHER - Olha, você arrumou alguma coisa para fazer?

HOMEM - Não, ainda não. Eu estou aqui procurando uma justificativa porque não estou trabalhando, ultimamente.

MULHER - Pois faça o seguinte: assim que você terminar de se justificar pra eles, porque pra mim, não precisa mais. Pega este anúncio aqui, e vai lá ver do que se trata.

HOMEM - Por que você veio aqui? Não precisava, eu mesmo me arrumo.

MULHER - E pensa que eu ia deixar de me preocupar com você? Vamos, pegue esse negócio, e vai lá.

## A vaca surrealista

HOMEM - Mas, se eu não gostar?

MULHER - Não tem o que não gostar, tem que ir lá, não tem outro jeito.

HOMEM - Bom, aí eu fui lá. Tratava-se de um emprego, temporário, um mês. Aí eu pensei: o que vai me adiantar um mês na minha vida? Nada! A possibilidade de aprender um novo Ofício, quase nula, o dinheiro, muito pouco... O pior, é que está estabelecido aqui neste momento, um impasse:

Toda pessoa de espírito romântico acha um saco, me ver aqui dizer do que fui, que voltei, que pensei... Essas pessoas gostam mesmo, de ver as coisas acontecendo. Gostam de ver o indivíduo, diante da suas dificuldades. E o que deve ter parecido pros senhores, é que fui mandado embora de casa pela minha mulher, não é nada disso. Essa figura que apareceu aqui, não é minha esposa, não. Ela é a presidente interina da Sociedade Protetora dos Desajustados Economicamente. Por mais que isso possa parecer uma visão maniqueísta, unilateral, eu acho essa mulher uma crápula, filha da puta, por excelência. Mantenedora dos valores, que me colocaram nessa situação de desajustado. Ela tem me impedido de discutir certos problemas, como esse: Por que eu que escolhi a profissão de artesão, não posso ganhar a minha subsistência nessa atividade?

MULHER - Olha, se você quiser, eu arrumei um emprego, um endereço que pode dar certo. Mas, você tem que se esforçar, senão não adianta nada. Se continuar assim, eu paro de te proteger.

HOMEM - Espera, você já me botou na rua!

MULHER - Nada disso, vai lá. Tenho certeza que desta vez vai dar certo.

HOMEM - Cala boca, suma daqui, estou fazendo uma explanação...

MULHER - Está bem, mas vai logo, que senão aparece outro.

HOMEM - Outro artesão?

MULHER - Pode ser.

HOMEM - Não acredito! Então, quer dizer que tem outra pessoa que está na mesma situação?

MULHER - Que história é essa? Fique quietinho aí, eu não disse, que tinha outro cara como você. Eu falei, que pode aparecer outra pessoa lá, que pode pegar esse emprego.

HOMEM - Mas, se ele não trabalha com isso, não está certo.

MULHER - Por que não, ele não precisa viver?

HOMEM - Todos nós precisamos viver.

MULHER - Se ele chegar primeiro, sorte dele.

HOMEM - Sorte dele não, azar meu! Se eu trabalho nessa profissão a vida toda, e agora surge um emprego pra mim, e só porque eu não chego primeiro, aparece outro que não tem nada a ver com cadeiras, eu acho uma puta sacanagem.

MULHER - Vai ou não, depois não venha dizer que não te protegi.

HOMEM - Antes, a gente vai fazer uma coisinha.

MULHER - O que é que a gente vai fazer?

HOMEM - Em primeiro lugar, eu vou planejar a sua Morte, sua velha nojenta.

MULHER - Logo eu que te protejo?

HOMEM - Logo você que me protege, de não fazer coisas piores. Antes de fazer as coisas mais conseqüentes, vamos às coisas mais simples.

MULHER - E você acha, inconseqüente, me matar?

HOMEM - Eu não disse que ia te matar, disse que ia planejar a sua morte.

MULHER - E como é que vai ser?

HOMEM - Em primeiro lugar, você vai sentar na primeira cadeira que fiz.

MULHER - Mas, eu não quero.

HOMEM - Quer, sim. Bota sua bunda nesta cadeira. Eu a fiz, sem saber que logo a Presidente ia sentar.

MULHER - Há é, foi, então? Eu não sabia que você tinha feito esta cadeira.

HOMEM - Gostou dela?

MULHER - Claro, gostosinha.

HOMEM - Então, você fica aí sentada, eu venho por trás, e te dou uma punhalada nas tuas costas.

MULHER - Assim, não vale, de surpresa não quero. Tem que ser de frente.

HOMEM - Você concorda que eu te mate?

MULHER - Claro que, não, eu concordo que você tente.

HOMEM - Vou fazer um discurso, contra os românticos.

MULHER - Você acha que precisa?

HOMEM - Claro! É o monólogo interior, esqueceu-se disso? Dos grandes monólogos, que antecediam os grandes assassinatos? Você não lê, Shakespeare?

MULHER - Já li!

HOMEM - - Então, precisamos envolver os românticos de hoje, senão não tem graça.

MULHER - Faz do jeito que achar que deve.

HOMEM (DE PUNHAL NA MÃO) - Do fundo da minha alma, eu invoco todas as minhas potencialidades: minha dignidade; meu ódio; meu amor; meu apego, às coisas mais terrenas e espirituais. Do fundo de minha alma, eu quero vos dizer que estou feliz, sim, porque nesse momento eu coloco nesta minha mão toda a minha raiva e frustração, de minha condição de pequeno burguês. Há, como eu gostaria de estar no lugar dessa diaba, mas não consigo. Não tenho à sutileza que ela tem. Ó, como é terrível ter nascido pobre, e não ter chegado, sequer, à condição de classe média alta. Nossa, como é enganosa a lição, de quem trabalha têm. Quando eu trabalhava, não tinha, agora, que não trabalho, puta-que-o-pariu, tenho menos ainda. Qual é a sacanagem que essa diaba aprendeu, que eu não sei? O único método é golpeá-la, no coração e, assim, tachan, tachan, tachan, quem sabe, na ausência de um comando, eu assumo o Poder. E aí, sim, eu coloco nesta sociedade, a política que achar melhor. Eu penso certo, porque eu estou por baixo, e ela por cima. Caminho feliz. Morre, cadela!

MULHER - Polícia, polícia (ELA SAI CORRENDO).

## CENA VIII

CENA VIII

UM CARROSSEL, ADENTRA A CASERNA DO INFERNO. DOIS MENDIGOS, ESTÃO NESSE VEÍCULO.

PRIMEIRO - Como é caro!

SEGUNDO - Eu, também, fui roubado.

PRIMEIRO - Sentemos?

SEGUNDO - Sentemos.

PRIMEIRO - Você gosta de filosofar?

SEGUNDO - De filosofia pura ou aplicada?

PRIMEIRO - Qualquer uma delas?

SEGUNDO - Pagando por esse preço, eu só posso, mesmo, pensar em filosofar, aplicadamente.

PRIMEIRO - Pois eu estive aqui, pensando, filosofando, de como deve ser interessante a vida do Artista.

SEGUNDO - Deve ser muito interessante. Ele faz coisas, que não dá pra dizer se são caras ou baratas. Ele não faz uma garrafa dessas, por exemplo.

PRIMEIRO - Que custa os olhos da cara, diga-se de passagem. Mas, eu falo do que faz o Artista a se expor.

SEGUNDO - Penso que seja igual a um jogador de futebol, deve tão interessante.

PRIMEIRO - Eu teria que filosofar sobre o jogador de futebol, para depois te responder. Mas, eu falo de outro filosofar, sem compromisso.

SEGUNDO - Você vê, que coisa impressionante, o sujeito chegar pra frente da cena e dizer eu sofro, ou, eu sou feliz? Ele diz isso, como se estivesse vivendo, mesmo, a coisa. A gente, até acredita.

PRIMEIRO - Tem outras situações, em que eles são mais amargos, dizem "eu estou desempregado", ou, "estou desgraçado". Falam com tanta convicção, que a gente chega a acreditar. Bem, mas eu te pediria que me apartasse, somente no que diz respeito ao Artista ser artista. Porque arte, não mata fome.

SEGUNDO - Vinho, também, não!

PRIMEIRO - Mas, eu posso falar, aqui está um vinho.

SEGUNDO - Não acredito mais nesse artista, que vem falar essas coisas.

PRIMEIRO - Quais coisas?

SEGUNDO - Que ele sofre, que é feliz, que está desempregado, o diabo.

PRIMEIRO - Eu, também, não acredito. O que será que faz um sujeito ficar macaqueando em cena, aquilo que a gente está cansado de saber?

SEGUNDO - Eu te respondo.



PRIMEIRO - Então, responde.

SEGUNDO - Faz de conta, que eu sou um Artista.

PRIMEIRO - Faz.

SEGUNDO (CONCENTRANDO-SE) - Eu sofro, eu sou feliz.

PRIMEIRO - E daí?

SEGUNDO - Nossa! Mas, eu senti tanta coisa.

PRIMEIRO - É mesmo? E o que você sentiu?

SEGUNDO - Primeiro, que eu senti uma vontade de chorar.

PRIMEIRO Por que? Fala, por que sentiu vontade de chorar?

SEGUNDO - Se eu te contar, você não acreditará.

PRIMEIRO - O que é?

SEGUNDO - Eu me lembrei de minha mãe.

PRIMEIRO - E o que tinha a ver a sua mãe, com isso?

SEGUNDO - Puxa, só eu lembrar de minha mãe, eu choro.

PRIMEIRO - E, com isso, você acha que respondeu o que eu te perguntei?

SEGUNDO - O que você perguntou?

PRIMEIRO - Por que a gente não acredita mais em artista, que vem para cena para chorar ou, então, dizer que está feliz.

SEGUNDO - Mas, eu acredito!

PRIMEIRO -Oh, seu canalha! Então, para acreditar em Artista, o sujeito tem que ter uma mãe?

SEGUNDO - Eu acho que quem não tem, acredita mais ainda.

PRIMEIRO - Pois eu acho que existe um outro Artista, que é bem diferente.

SEGUNDO - Qual é esse?

PRIMEIRO - É aquele que, de repente, faz um discurso em defesa da sua profissão. Este, sim, estará dando um passo à frente, para atingir uma Arte que corresponda ao tempo em que se vive.

SEGUNDO - Mas, pra isso ele precisa de um público.

PRIMEIRO - Ele sabe onde está esse público. Você, por exemplo, teria coragem de representar um artista desses?

SEGUNDO - Eu não, não sei.

PRIMEIRO - Depende daquilo que você quer representar. Se você tiver coragem, até que poderá ser um desses. Já pensou que emocionante, ser um artista atual, falando de todas as coisas que estão acontecendo?

SEGUNDO - Mas, eu não sei dizer sobre tudo que acontece, hoje!

PRIMEIRO - Não importa, o que você vai descobrir é a forma de ver as coisas de hoje. Está aí, um tema que poderia desenvolver. Um Artista de hoje, precisa descobrir onde está o seu público. Está tudo massificado. Pra quem, o Artista trabalha?

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

## A vaca surrealista

SEGUNDO - Para o empresário.

PRIMEIRO - Não, seu burro, pra quem ele trabalha, e pra que ele trabalha?

SEGUNDO - Pra ganhar o pão de cada dia!

PRIMEIRO - Não é verdade, tem outra coisa. E não é só isso que eu perguntei. Se você fosse marceneiro, o que você ia fazer?

SEGUNDO - Bem, eu ia fazer um assento de cadeira.

PRIMEIRO - Não, você está misturando as Histórias. Estou falando, o quê você ia construir, genericamente falando?

SEGUNDO - Bem, espera aí, entendi agora! Eu ia construir objetos pras pessoas usar. Acertei?

PRIMEIRO - Pois é, então você constrói um objeto que vai usar, e o resto você troca.

SEGUNDO - Trocar?

PRIMEIRO - Você vende, que seja isso. Agora, se você é um artista moderno, de hoje, como é que você vai vender aquilo que não usa, se você não usa aquilo que faz?

SEGUNDO - Já sei, entendo onde você quer chegar. Está me envolvendo, com essas histórias de que Artista é explorado. Pois você não em com essa por cima de mim, não, por que eu sou um Artista que não se deixa explorar. Eu sou uma pessoa, se você não sabe, muito consciente, eu faço arte pra melhorar o padrão de vida da coletividade.

PRIMEIRO - Muito bem!

SEGUNDO - Muito bem, o que? Eu estou te contrariando, e você ainda vem me dizer muito bem??? (ASSUSTADO, PERGUNTA PARA PRIMEIRO) - Mas, o quê você está fazendo aí, se contorcendo todo?

PRIMEIRO - Eu estou fazendo, Pesquisa. Estou pesquisando, as minhas potencialidades. Eu, também, sou um artista moderno.

SEGUNDO - Não mais moderno, do que eu. Eu sou um artista comprometido, sou inclusive registrado no MDB. Faço parte da Comissão de Liberdade e Expressão, e sou contra a censura.

PRIMEIRO - Eu, também sou.

SEGUNDO - Mas, eu sou muito mais moderno do que você! Esse tipo de teatro que você está fazendo é... Não sei, não quer dizer nada pra mim. Olha, pra te dizer com franqueza, essas caretas todas que você está fazendo, eu faço muito melhor quando estou trepando, e ninguém paga ingresso pra ver.

PRIMEIRO - Você está misturando as coisas, você está confundindo conteúdo e forma.

SEGUNDO - Nada mais resta, entre a gente, do que a separação. Você tem que se posicionar. Vamos ter um racha.

PRIMEIRO - Até agora, não disse nada. Pra quem você trabalha? O que você quer?

SEGUNDO (CAINDO EM SI)-Quer o quê? Você está me confundindo. Pensando bem, gostaria de beber mais, mas o dinheiro acabou.

PRIMEIRO - Você tem razão.

SEGUNDO - Acho melhor, a gente arrumar um trabalho.

PRIMEIRO - Aonde?

SEGUNDO - Não sei. Ali em frente estão fazendo uns testes, com atores, será que a gente se encaixa lá?

PRIMEIRO - Você disse, engajar?

SEGUNDO - Eu disse, encaixa.

PRIMEIRO - Vamos!

## CENA IX

### CENA IX

(DOIS VAGABUNDOS DIRIGEM-SE PARA FAZER UM TESTE, COMO ATORES),  
UM, DELES, CANTANDO:

Maria, pouco importa essa agonia,

De água quente ou água fria.

Tomas banho de caneca,

Quase levou a breca, cá, cá.

Maria, o teu sonho está desfeito,

Acreditaste no Prefeito que, hoje, é o Governador.

Mas, que terror, or, or, or.

MARIA - Bahia, por que fui te abandonar?

Pensei como Gabriela, que casou com libanês,

Ela teve sorte, eu não tive vez.

CATANDOR - Maria, sonhaste até com palacete,

Pedi pão, levou cacete!

Maria, vais não vais, ser feminist?

Vais pedir, é na justiça, o abono familiar!

De Ruth Escobar, ar, ar, ar.

MARIA - Sabia, que o direito da mulher,

É coisa que se conquista,

E, por isso, estou contente,

e, consciente, que vou ganhar.

CANTADOR - Maria, sonhaste até ser presidente,

De sindicato te quebraram os dentes.

MARIA, APROXIMANDO-SE DE UM JUIZ:

MARIA - Queria fazer uma consulta.

JUIZ - Que faça!

MARIA - Gostaria de saber se tenho direito de me aposentar.

JUIZ - Mas, você é tão jovem.

MARIA - Eu pergunto se, trabalhando, eu vou ter direito de me aposentar quando ficar velha?

JUIZ - É evidente!

MARIA - Então, faz de conta que eu tenho 60 anos. Trabalhei a vida inteira, estou ganhando 20 mil cruzeiros por mês, tenho cinco filhos, não tenho marido, e quero me aposentar. O senhor, como juiz, que sentença me dá?

JUIZ - Eu dou ganho de causa a você, se requerer a sua aposentaria.

MARIA - Então, faz.

JUIZ - Faz o quê?

MARIA - Bate o martelinho!

(ELE BATE O MARTELO).

ATRIZ - E passando algum tempo, essa moça lá voltou, pois, da vida só se leva, o que se conquistou.

JUIZ - Mas, o que é isso?

MARIA - Este, é o meu primeiro filho. Não tenho aonde deixar, queria que o senhor me desse....

JUIZ - Ganho de causa?

MARIA - Esse, mesmo!

JUIZ - Quem você quer processar, o seu marido?

MARIA - Eu não tenha marido.

JUIZ - E, como pode ter um filho?

MARIA (FAZ UM JEITO, DE QUEM NÃO SABE EXPLICAR).

JUIZ - Como, isso é possível?

MARIA - Pois eu não tenho marido, e essa criança não tem pai.

JUIZ (SENTENCIANDO) - Se não tem como sustentá-lo, entregue-o a um Orfanato.

ATRIZ - E, passando mais algum tempo, essa moça lá voltou, pra pedir ao seu juiz, com o milagre do amor.

MARIA - Senhor juiz, eu estou grávida.

JUIZ - E eu com isso?

MARIA - Quero voltar pro o meu emprego.

JUIZ - Que tem a ver o seu emprego, com a gravidez?

MARIA - No meu serviço, só pode trabalhar moça solteira.

JUIZ - E você, está casada dessa vez?

MARIA - Não, mas como iria explicar o meu filho?

JUIZ - Não sei!

MARIA - Foi o que eu disse, e o sujeito que me dispensou.

JUIZ - Assim, você já começa a me complicar. Tenho que pensar.

(MARIA ESPERA, ENQUANTO O JUIZ PENSA).

JUIZ - Está bem, só desta vez, ein? Você pode voltar ao emprego, assim que tiver à criança. Maria, agora vê se disfarça, e arruma um marido, não é?

MARIA - Seu juiz, eu já estou no quarto filho, e a sentença dando responsabilidade aos pais das crianças não foi aplicada.

## A vaca surrealista

JUIZ - Você é muito complicada, Maria. Isso aqui, não é uma Casa de Caridade. Isso aqui, é um Tribunal. Você precisa, também, se cuidar pra não precisar recorrer tanto a mim. Afinal de contas, o que é que você faz?

MARIA - Eu acho que sou muito ingênua.

JUIZ - Com quatro filhos, você ingênua?

MARIA - Você vê. Pois são eles, que acabam me explorando.

JUIZ - Você foge muito à regra. Ainda vai se dar mal!

MARIA - Mais, ainda?

JUIZ - Cuidado!

MARIA - É verdade que o senhor deu uma sentença, pros meus antigos patrões, por Corrupção, e ainda não conseguiu aplicar a Condenação?

JUIZ - O meu dever, é julgar!

MARIA - E que vai fazer, para cumprir a Sentença?

JUIZ - O meu dever é julgar!

MARIA - Senhor juiz, já estou pra ter o quinto filho, e preciso que o senhor me dê a Sentença, pra que me paguem 20 mil, por mês, porque ainda continuo sem marido.

JUIZ - Não posso fazer, isso.

MARIA - Como não, não está aí pra julgar?

JUIZ - Evidente!

MARIA - Então, julgue senhor Juiz, pode uma pessoa viver, dignamente, com cinco filhos pra tratar, ganhando menos que isso?

JUIZ - A Lei é omissa, em relação a isso!

MARIA - Pois, eu peço que considere o fato.

JUIZ - Eu não posso forçar você, a ganhar 20 mil, por mês.

MARIA - E o que eu faço?

JUIZ - Você, é uma irresponsável!!

MARIA - Foi o senhor, mesmo, que considerou que eu poderia me aposentar, com 20 mil.

JUIZ - Mas, você não ganha isso.

MARIA - Tem razão. Então, eu vou deixar para o senhor decidir. A partir de hoje, eu cruzo os meus braços.

JUIZ - Não pode! A responsabilidade individual, é sua. A justiça não pode arcar, com os teus caprichos.

MARIA - Isso quê. Capricho? Eu, ein? Pois, eu continuo de braços cruzados.

JUIZ - Isso que pede, é irreal.

MARIA - Meus cinco filhos, são reais.

JUIZ - A Lei não fala do teu caso.

MARIA - Mas, meus filhos existem, e quero 20 mil por mês para consertar a minha situação.

JUIZ - Isso, está fora da Lei! Você tem que adaptar, a sua realidade à Lei.

MARIA - E qual é a sua Sentença?

JUIZ - Minha sentença, é a seguinte: Eu te proíbo de ter mais filhos, e que esses aí cresçam e ganhem o seu próprio sustento.

FINDA ESTÁ CENA, PASSEMOS PARA O FINAL.

## CENA X

### CENA X

O ATOR FRENTE À ATRIZ (uma mulher e um homem).

HOMEM - Veja você, mulher: o meu momento reduzir-se-ia em três necessidades, fundamentais: comer, viver contigo e trabalhar. As linhas todas que impedem esse intento tão simples me fazem agir de maneira estranha, ao comportamento geral.

Poderíamos representar, neste momento, uma cena forte desprovida de qualquer contexto - uma morte e uma trepada, que pudesse transfigurar e atingir o espírito menos avisado. No entanto, não. Estamos aqui, como sempre estivemos nesses últimos e penosos anos, a lutar contra nossos preconceitos, contra nossos mais fiéis amigos, e contra uma consciência que, agora, começa a ser formada.

E veja, não há muita diferença, entre o juiz faccioso, que acabamos de ver, e àqueles que capitalizam para si, o direito de contestar o Sistema, que nos colocou a todos nós na mesma barca, sem fundo.

(ELE, DÁ-LHE UM TAPA) Um tapa, uma morte.

Qual é a diferença, entre uma morte lenta ou repentina?

Não está desprovida a morte, aqui, de contexto. É a mesma morte física, uma por fome, outra por coragem.

O que me leva, a fazer amor contigo? Um ato subjetivo, no entanto, social, que gera filhos que virão a morrer, de fome ou coragem.

Acima de tudo, o trabalho, único instrumento de relação com toda a sociedade. E, acredite, como tem sido difícil sustentar este Instrumento.

E nessa terra, descoberta por Cabral, há 479 anos, depois, encerramos este Capítulo, inspirado na derradeira frase desta Representação: É TEMPO DE PLANTAR.



